

Para além do preço: desmistificando o consumo de alimentos agroecológicos *Beyond the price: demystifying the agroecological food consumption*

FREITAS, Isabela Fredes de¹; PINHO, Thielle Vieira²; MASCARENHAS, Thais Silva³; LOPES, Roberto Caldeira⁴; CALDASSO, Liandra Peres⁵; GUATIMOSIM, Eduardo⁶.

¹ Universidade Federal do Rio Grande Campus São Lourenço do Sul, isabelafredes@gmail.com; ² Universidade Federal do Rio Grande Campus São Lourenço do Sul, thielle.pinho@hotmail.com; ³ Instituto Kairós, thaismas@gmail.com; ⁴ Programa de Pós-graduação em Contabilidade, Universidade Federal do Rio Grande, robertocaldeiralopes@gmail.com; ⁵ Universidade Federal do Rio Grande, liandra.caldasso@gmail.com; ⁶ Universidade Federal do Rio Grande Campus, e.guatimosim@furg.br.

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo

A pandemia de Covid-19 e a atual crise econômica tem agravado o problema da fome no Brasil. Em grandes centros urbanos, alimentos orgânicos tendem a ser mais caros, a depender do canal de comercialização. Buscando avaliar se os preços dos alimentos orgânicos comercializados na feira livre de São Lourenço do Sul (RS) são mais caros quando comparados aos convencionais, a presente pesquisa foi realizada. O preço de diferentes produtos foi acompanhado mensalmente, durante um ano, junto a dois feirantes agroecológicos, dois feirantes convencionais e dois supermercados. Após estudos, foi possível perceber que, de maneira geral, o preço de uma cesta contendo 16 produtos na feira é, em média, 48,7% mais barata do que a mesma cesta adquirida em supermercados. Ao comprar diretamente da agricultura familiar presente em feiras municipais, as pessoas que consomem não apenas fortalecem a economia local e os circuitos curtos de comercialização, como obtêm alimentos mais saudáveis e em boa medida mais baratos.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Circuitos curtos de comercialização; Comércio justo e solidário; Feiras municipais.

Keywords: Family farming; Short sales circuits; Fair trade and solidarity; Municipal fairs.

Introdução

A pandemia de Covid-19 tem contribuído para o agravamento da fome no Brasil. De acordo com a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (2021), 55,2% dos domicílios brasileiros se encontram em algum tipo de insegurança alimentar e, destes, 9% convivem diariamente com a fome. Ao se analisar os domicílios rurais, este montante chega a 12%. Paralelamente, o aumento do preço dos alimentos afeta de forma maior os lares de baixa renda, já que essas famílias gastam uma proporção maior de sua renda com alimentos (ROUBICEK, 2020). Sabe-se que, em muitas cidades, sobretudo nos grandes centros urbanos, os alimentos orgânicos costumam ser mais caros quando comparados aos alimentos convencionais, quando comprados nos supermercados (Instituto Kairós, 2016). De acordo com uma pesquisa comparativa de preços realizada pelo Instituto Terra Mater em parceria com o Instituto Kairós, o valor destes alimentos depende do canal de comercialização em que o produto está inserido. Em circuitos curtos de comercialização, como feiras livres e grupos de consumo responsável, o preço tende a ser mais barato, do que quando comparados às grandes redes de supermercados

(INSTITUTO KAIRÓS, 2016). Outro ganho obtido com circuitos curtos, podem ser percebidos nas feiras municipais, pois promovem a troca de saberes entre diferentes atores, agricultores e consumidores, rurais e urbanos, possibilitando a criação de um ambiente de aprendizagem, solidariedade, parceria, e, para além, costumam prover maior remuneração ao agricultor e um valor mais acessível ao consumidor, o que caracteriza o “preço justo” (INSTITUTO KAIRÓS, 2013).

A partir de uma pesquisa comparativa entre o preço praticado por (i) agricultoras e agricultores familiares de base agroecológica, (ii) agricultoras e agricultores familiares convencionais e (iii) redes de supermercados (local e regional), o presente estudo visou avaliar como se comportam os preços dos alimentos orgânicos de base agroecológica no município de São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul, quando comparados aos preços dos alimentos convencionais.

Metodologia

Coleta de dados

As coletas ocorreram uma vez ao mês (no primeiro sábado de cada mês), durante 12 meses, entre setembro de 2020 e agosto de 2021. Foram visitados seis empreendimentos distintos, a saber: i) duas bancas de feirantes agricultores familiares orgânicos, de base agroecológica; ii) duas bancas de feirantes agricultores familiares, de produção convencional; iii) um supermercado de abrangência municipal e, iv) um supermercado vinculado a uma rede regional. É importante ressaltar que os supermercados avaliados não possuem produtos orgânicos ou agroecológicos. Desse modo, todos os produtos comercializados em iii e iv foram considerados advindos de sistemas de produção convencionais.

Composição da cesta de produtos

Ao todo foram avaliados 31 produtos, dos quais 29 são alimentos comercializados *in natura*. Dos 31 produtos iniciais, 16 compuseram a cesta de produtos analisados, a saber: abóbora cabotiá, alface lisa, banana, batata inglesa, beterraba, brócolis de cabeça, cenoura, cebola, couve, espinafre, feijão preto, mel, ovos, repolho, rúcula, tempero verde. A escolha dos produtos da cesta levou em consideração o critério de haver informações sobre cada produto em pelo menos 4 (dos 6) empreendimentos avaliados, bem como, com pelo menos 8 dados de coletas, em suas respectivas planilhas individuais. A partir da composição da cesta, foram calculados o valor (R\$) médio da cesta oriunda dos feirantes agroecológicos, dos feirantes convencionais e dos supermercados.

Padronização das unidades

A fim de permitir a comparação entre os preços dos produtos comercializados na feira e no supermercado, foi necessário padronizar as unidades. Dessa forma, produtos comercializados por maço, ou por unidade, na feira municipal, passaram por pesagem de três diferentes maços (ou unidades) com o objetivo de se obter o peso médio, e posteriormente foi feita a comparação com os produtos comercializados por quilo, nos supermercados.

Conversas informais com os agricultores

Buscando entender o nível de satisfação dos agricultores familiares em relação aos estudos e procedimentos metodológicos, durante a coleta de preços, foram realizados diálogos acerca das estratégias de comercialização e precificação dos produtos e em relação às dinâmicas da feira. Os resultados serão mencionados no decorrer da discussão deste trabalho.

Resultados e Discussão

Preço médio (R\$) de uma cesta contendo 16 produtos

A fim de avaliar a diferença no valor de uma cesta contendo 16 produtos, foi calculado o preço da cesta de cada empreendimento avaliado e, posteriormente, calculada a média entre o valor (R\$) da cesta dos empreendimentos de cada categoria avaliada (feirantes agroecológicos, feirantes convencionais e supermercados).

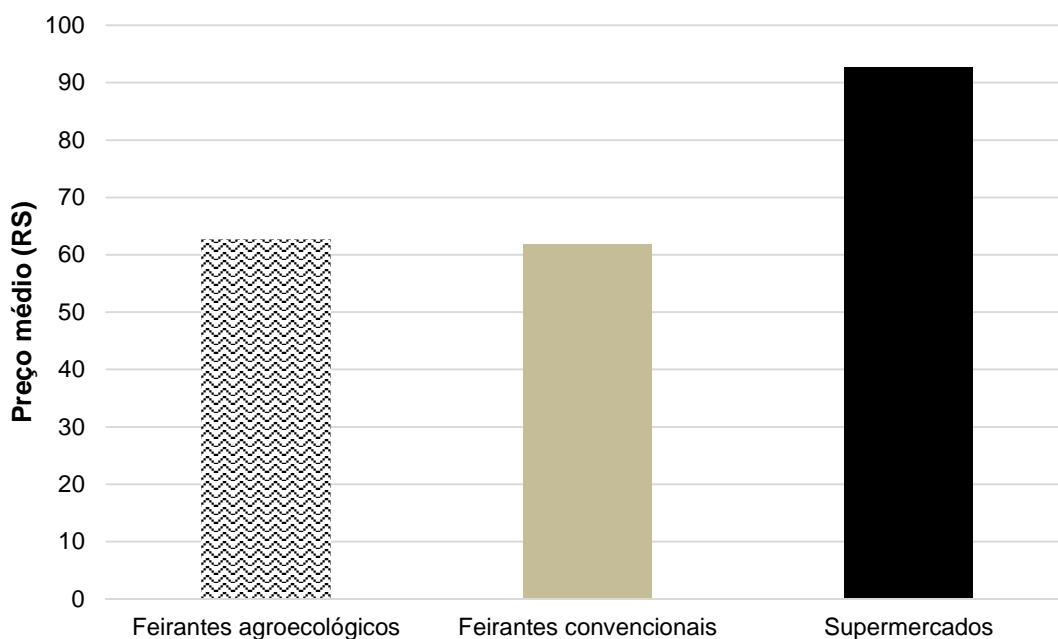


Figura 1. Valor médio (R\$) de uma cesta contendo 16 produtos dos empreendimentos avaliados: feirantes agroecológicos, feirantes convencionais e supermercados.
Fonte: as autoras.

É possível perceber que, de maneira geral, o valor (R\$) da cesta de alimentos na feira (considerando a média entre feirantes agroecológicos e convencionais) é, em média, 32,7% mais barata que uma cesta contendo os mesmos produtos, quando adquirida no supermercado (Figura 1). Em termos monetários, esta diferença chega a quase R\$60,00 (sessenta reais). Ao se comparar o preço médio (R\$) das cestas dos feirantes agroecológicos com o dos feirantes convencionais, é possível perceber que não há muita diferença entre elas, sendo a cesta agroecológica apenas R\$ 0,84 centavos (1,3%) mais cara, do que comparada aos feirantes convencionais.

Para além do preço, é importante ressaltar que a agricultura familiar possui um papel importante na alimentação saudável da população e, segundo Stedile (2020), pode ser a saída para a atual crise econômica. Ademais, as pressões por maior produção e menores custos no mercado de commodities, vem acompanhado de críticas ao modelo de agricultura dominante, como a necessidade de cuidados com o meio ambiente, a geração e descarte de resíduos químicos e a defesa dos ambientes, o que tem incentivado modelos baseados na agricultura familiar (WILKINSON, 2008).

De acordo com Loureiro; Zarref (2020) é através da Agroecologia e da agricultura familiar que será viabilizada a solução para o abastecimento alimentar das cidades, fornecendo alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e de elevada qualidade nutricional para as comunidades.

Conclusões

De maneira geral, fica evidente que, pelo menos no caso de São Lourenço do Sul, o consumo de alimentos *in natura*, através da compra na feira municipal, é mais barato do que realizar a compra dos mesmos produtos em supermercados. Para alguns produtos, esses produtos podem chegar a ser até quase 33% mais baratos. Os agricultores familiares que comercializam seus produtos na feira possuem maior autonomia e liberdade na definição dos preços praticados, e acabam recebendo mais pelos seus produtos. Sua comercialização é baseada em circuitos curtos, onde o consumidor compra diretamente com quem produz e, dessa forma, o consumidor paga menos e o agricultor ganha mais.

Por fim, independentemente da opção de consumo (produtos agroecológicos ou convencionais), ao consumir diretamente das famílias da agricultura familiar presentes nas feiras municipais, além de pagar mais barato pelos produtos, as pessoas que consomem fortalecem a economia local, os circuitos curtos de comércio e a agricultura familiar, estabelecendo laços de quem consome com quem produz e tendo consciência da origem e da qualidade dos produtos consumidos.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Rio Grande, campus São Lourenço do Sul, e à Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária pelo provimento da bolsa. Aos agricultores e agricultoras familiares, pela disponibilidade e compreensão.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, J.; MASCARENHAS, T. S. **Consumo responsável em ação**: tecendo relações entre o campo e a cidade. São Paulo, SP, 2017, 225 p.

IBGE. **Censo Agro Brasil** (2017). Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/2012>. Acesso em: 25 ago 2021.

INSTITUTO KAIRÓS; CAPINA. **Práticas de comercialização:** uma proposta de formação para a economia solidária e a agricultura familiar. São Paulo, SP, 2013, 160 p.

LOUREIRO, B.; ZARREF, L. **Produzir alimentos saudáveis e plantar árvores:** a Reforma Agrária Popular no combate ao Coronavírus. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/03/29/produzir-alimentos-saudaveis-e-plantar-arvores-a-reforma-agraria-popular-no-combate-ao-coronavirus>. Acesso em: 01 out 2021.

STEDILE, J. P. **A agroecologia é o caminho pra sair da crise?** Disponível em: <https://mst.org.br/2020/03/26/a-agroecologia-e-o-caminho-pra-sair-da-crise>. Acesso em: 01 out 2021.

Rede PENSSAN. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 01 out 2021.

ROUBICEK, M. **Porque os preços dos alimentos estão subindo na pandemia.** Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/09/09/Por-que-os-pre%C3%A7os-dos-alimentos-est%C3%A3o-subindo-na-pandemia>. Acesso em: 01 out 2021.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores:** o novo mundo da agricultura familiar. Porto Alegre, RS, 2008, 212 p.